

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS E REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM ENTREPRENEURING PARA O EMPREENDEDORISMO

THEORETICAL CONTRIBUTIONS AND REFLECTIONS ON THE ENTREPRENEURING APPROACH TO ENTREPRENEURSHIP

Dulcimar José Julkovski

Doutorando em Administração pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC
Campus Chapecó/SC, Brasil.

professordulcimar@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2081-7213>

Luccas Santin Padilha

Doutorando em Administração pela Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC
Campus Chapecó/SC, Brasil.

luccasantinpadilha@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-5786-3259>

Hilka Pelizza Vier Machado

Professora Doutora do programa de Doutorado Acadêmico da Universidade do Oeste de
Santa Catarina – UNOESC Campus Chapecó/SC, Brasil.

hilka.machado@unoesc.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0002-2554-0025>

Juliano Danilo Spuldaro

Professor Doutor do programa de Doutorado Acadêmico da Universidade do Oeste de Santa
Catarina – UNOESC Campus Chapecó/SC, Brasil.

juliano.spuldaro@unoesc.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-3174-7062>

DOI: <https://doi.org/10.36942/reni.v7i1.494>

RESUMO

A abordagem entrepreneuring mostra-se em crescimento nos estudos em empreendedorismo. Este trabalho buscou compreender a evolução das discussões sobre a abordagem entrepreneuring no campo de estudo do empreendedorismo, retratando as subcategorias com as constituições. O trabalho evidencia por meio de uma revisão sistemática da literatura a evolução das

percepções e seus reflexos no campo de estudo. A metodologia utilizada foi a revisão sistemática de literatura. Este trabalho contribui para a reflexão sobre a abordagem *entrepreneurship* e suas contribuições para o campo de estudo teórico e prático do *empendedorismo*. O *entrepreneurship*, apresenta-se como um fenômeno complexo, não-linear e com aspectos econômicos, sociais, institucionais e culturais por meio das ações de um indivíduo ou grupo de indivíduos. A limitação deste trabalho é a string de busca que se combinada com outras bases, pode gerar novos resultados. Sugere-se que os resultados forneçam uma base para futuros estudos empíricos, como uma maneira de expandir o conhecimento das subcategorias e da forma como estão sendo praticadas nos contextos organizacionais.

Palavras-chave: *Empendedorismo*. Virada da Prática. *Empendedor*.

ABSTRACT

The approach shows itself to be growing in studies in entrepreneurship. This work sought to understand the evolution of the discussions on the "Sheluring" approach in the field of entrepreneurship study, portraying the subcategories with the constitutions. The work shows, through a systematic review of the literature, the evolution of perceptions and their reflexes in the field of study. The methodology used was a systematic literature review. This work contributes to the reflection on the approach to learning and its contributions to the field of theoretical and practical study of entrepreneurship. The *entrepreneurship* presents itself as a complex, non-linear phenomenon with economic, social, institutional, and cultural aspects through the actions of an individual or group of individuals. The limitation of this work and the search string that if combined with other bases, can generate new results. It is suggested that the results provide a basis for future empirical studies, as a way to expand the knowledge of the subcategories and the way they are being practiced in organizational contexts.

Keywords: Entrepreneurship. Practice Return. Entrepreneur.

JEL Classification: L26 – Entrepreneurship.

1 INTRODUÇÃO

Mesmo que para muitos o campo de pesquisa em empreendedorismo seja relativamente novo, os pensamentos pioneiros sobre o termo não são (York & Venkataraman, 2010). Para Shane e Venkataraman (2000), é quase impossível o entendimento do assunto apenas por características pessoais, além de ser importante uma contextualização na influência de diversas situações e do próprio ambiente onde este fenômeno é desenvolvido. Shane (2003) enfatiza o estudo do empreendedorismo com uma abordagem interdisciplinar para a elaboração de um esquema conceitual que possa melhor compreender o assunto. Entretanto, existem diversas tentativas tradicionais de teorizar processos empreendedores e a abordagem *entrepreneuring* está no processo empreendedor, sendo aquele que envolve novas criações de risco e que foram intencionalmente planejadas, ou seja, uma trajetória linear (Steyaert, 2007). É nessa perspectiva que se busca compreender o *entrepreneuring* como um fenômeno complexo, não-linear e inerentemente aberto (Johannisson, 2011; Sorenson, Rivkin, & Fleming, 2006; Steyaert, 2007; Wright & Marlow, 2012).

Em pesquisas empíricas com empreendedores (bem-sucedidos) três pontos principais são citados, o primeiro, os empreendedores bem-sucedidos gastam mais tempo em ação e visão concreta do que em planejamento (Jones; Li, 2017). Em segundo lugar, ao longo dos anos (1976-2009) a pesquisa empírica repetida, que cada vez mais, maior parte do orçamento de tempo é gasto em ação concreta, presumivelmente também relacionamento, do que planejamento e visão. As duas primeiras podem ser explicadas, devido a um ambiente cada vez mais turbulento e mundo complexo. Em terceiro lugar, proprietários-gerentes são capazes de manter sua preocupação com a visão mais voltada ao negócio, ou mais viável do que líderes profissionais. Estes resultados empíricos estão claramente em contraste com a imagem do empreendedorismo como uma atividade planejada e que caracteriza abordagens racionalistas ao empreendedorismo (Johannisson, 2011; Jones & Li, 2017; Pinchot, 1985; Schatzki, Knorr-Cetina, & Von Savigny, 2001).

Assim, este trabalho tem como objetivo compreender a evolução das discussões sobre a abordagem *entrepreneuring* no campo de estudo do empreendedorismo. Quanto à fonte de dados, foi realizada uma revisão da literatura em duas bases de dados, sendo elas, *Scopus e Web of Science*, com as palavras-chave, *entrepreneuring* inseridas na busca de *abstract, title e keywords*. A partir de uma amostra de 182 artigos coletados nas bases de dados citadas, foi

incluído o critério de seleção por área do conhecimento *bussiness and administration*, e por tipo de documento *Article* foram selecionados 80 artigos, destes, foram analisados os *abstracts* e removido 28 duplicados e restaram 17 artigos que possuíam relação direta com o tema, os quais foram analisados, com foco na revisão da literatura, análise e resultados.

Esse estudo contribui para a compreensão das discussões referentes a *entrepreneurship* para o campo de estudo do empreendedorismo, e como está estabelecido na literatura os estudos sobre o tema, não somente com o viés teórico, mas também com perspectivas de suprir o campo empírico. A primeira parte do trabalho apresenta uma revisão da literatura trazendo uma introdução a abordagem do *entrepreneurship*. Após essa discussão, são apresentadas as perspectivas metodológicas. Na sequência é apresentado a análise e discussão dos resultados e por fim, apresenta-se as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 *Entrepreneurship*

O empreendedorismo costuma ser definido como o processo pelo qual as pessoas iniciam e desenvolvem seus negócios (Gross, Carson, & Jones, 2014). É um fenômeno complexo, que envolve o empreendedor, a empresa e o cliente, que fazem parte deste processo. O empreendedorismo se torna fator primordial, fazendo com que os negócios sobrevivam e prosperem num ambiente econômico e de mudanças sejam elas culturais, sociais ou geográficas (Davidsson, 2004).

Drucker (1985) afirma que o empreendedorismo “não é nem arte nem ciência, mas prática.” Entretanto, em oposição a essa visão, propõem-se que o empreendedorismo pode ser tanto arte quanto ciência (Hjorth, Sollerman, Møller, Fynbo, Woosley, Kouveliotou, & Wijers, 2003). A volatilidade do mundo, bem como suas diferentes formas de relações associadas a imaginação, pode ser usada para criar um empreendimento concreto. Estudos sobre o empreendedorismo são emergentes e aspiram teoria própria. A literatura científica também possui inúmeros modelos que, segundo seus autores, fornece a imagem final do fenômeno do empreendedorismo e com diferentes perspectivas, o que torna o estudo ainda mais complexo (Farah, Cavalcanti, & Marcondes, 2008).

Um pouco pode ser explicado pela teoria econômica, sendo que, o termo *entrepreneur* não tem uma definição, mas Schumpeter (1982) associa o termo à inovação para explicar o

desenvolvimento econômico. Na perspectiva comportamentalista, é nas características do *entrepreneurs*, ou seja, de um tipo de comportamento que se identifica quem é o *entrepreneur*. Aqui o termo não é traduzido por empresário, mas por empreendedor e este é entendido mais por seus atributos psicológicos e menos por sua ação econômica. Esta, na verdade, seria consequência dos primeiros (Schumpeter, 1982). Os termos, empreendedor e empreender, inicialmente, tomados da linguagem cotidiana, ganharam caráter de conceito acadêmico e posteriormente foram popularizados levando consigo conotações econômicas e/ou comportamentais advindas do mundo acadêmico. Comumente, entende-se por empreendimento alguma realização ou feito não necessariamente econômico. Mas em geral, carrega conotação econômica, se referindo a alguma atividade remunerada, não necessariamente empresarial (Davidsson, 2004).

O empreendedorismo como um conjunto de estratégias para criação e obtenção de valor, crescimento ou sobrevivência das empresas depende do conhecimento experimental e, portanto, epistemológico ou baseado nas habilidades, tornando-se cada vez mais instrumentais para corrigir as ineficiências ou fornecer novas soluções, bens e serviços (Shane, 2000). Com a especialização do conhecimento, a descoberta de oportunidades comerciais e a atividade empreendedora se intensificam, e Hisrich, Peters e Shepherd (2014) destacam que neste mesmo período, o termo era utilizado para se referir às ocupações específicas, porém, a continuidade da evolução foi se ampliando e a figura do indivíduo empreendedor tornou-se mais relevante que sua ocupação.

Nesse sentido, é importante citar que estas abordagens possibilitam a compreensão de que o fenômeno do empreendedorismo é complexo demais para ser analisado apenas de um ponto de vista (Baron & Shane, 2007). Isso sinaliza a necessidade de um quadro que reconheça o empreendedorismo como uma prática (diária), incluindo rotinas, bem como improvisação, a fim de lidar com coincidência (Steyaert & Katz, 2004). Empreendedorismo como um processo de iniciativa de implementar novos negócios ou mudanças envolvendo inovações e riscos, leva em conta o conhecimento tácito e relacionamento pessoal que parecem permanecer relevantes, também nos tempos digitais atuais, quando o conhecimento codificado e parcerias formais dominam o discurso público sobre como criar um desenvolvimento sustentável em empresas e sociedades (Steyaert & Katz, 2004).

A abordagem proposta para o empreendedorismo, o *entrepreneurship*, como refletido nas práticas cotidianas, enquadrada por uma ontologia de tornar-se apoiada por *phronesis*

(Sabedoria Prática) como uma virtude intelectual e realizado por meio de uma metodologia nativa (interação dinâmica entre um organismo atuante e seu ambiente que combina suas ações com as exigências de determinada situação) traz importantes mensagens para a comunidade de pesquisa (Johannisson, 2009; Jones & Li, 2017; Pinchot, 1985; Schatzki, Knorr-Cetina, & Von Savigny, 2001). Desmitifica as realizações heroicas, e promove o empreendedor associando-o com a vida cotidiana, não apenas para restabelecer como uma atividade humana fundamental, central no homem, mas na busca contínua de identidade e significado da vida (Johannisson, 2009; Jones & Li, 2017).

A crítica da abordagem *entrepreneurship* está no processo empreendedor predominantemente, sendo aquele que envolve novas criações (Steyaert, 2007). É nessa perspectiva que se busca compreender o *entrepreneurship* como um fenômeno complexo, não-linear e inerentemente aberto (Sorenson, Rivkin, & Fleming, 2006; Steyaert, 2007; Johannisson, 2011; Wright & Marlow, 2011). O *entrepreneurship* está alinhado a perspectiva de um conglomerado de práticas transindividuais, propondo do tempo e espaço como modo de exploração (Johannisson, 2011).

Levando em consideração todos os atos e eventos, também aqueles que parecem muito relativos (Steyaert, 2007; Engstrom, 2012) para a maioria das análises. Pode-se conceituar *entrepreneurship* como a inter-relação de vários ritmos, imerso em mundo detalhado, intrincado e dinâmico, em vez de como um ponto estático (Verduyn, 2015). Ou como esforços para criar novos ambientes econômicos, sociais, institucionais e culturais por meio das ações de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Assim, vemos o *entrepreneurship* como um processo emancipatório com amplo potencial de mudança com perspectiva prática (Rindova, Barry, & Ketchen, 2009).

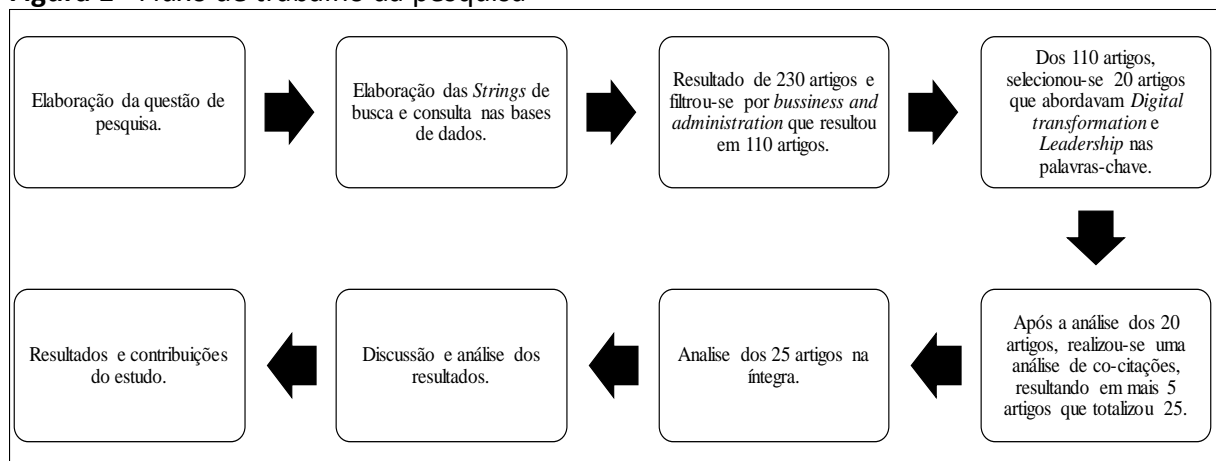
As concepções processuais e organizacionais desse processo emancipatório, apresentam como característica fundamental, articulações entre um conjunto de questões que apontam para a consideração do empreendedorismo enquanto um processo pré-organizacional focado em oportunidades (Laine, 2013). Esses posicionamentos se afastam de visões que enfatizam a importância exclusiva do papel desempenhado por indivíduos empreendedores e dos resultados econômicos isolados de suas atuações e intervenções, contribuindo de forma importante para a geração de novas evidências sobre o fenômeno (Davidsson, 2015; Rindova, Barry, & Ketchen, 2009; Shane, 2012). A prática no empreendedorismo, emerge por meio de inter-relações entre o contexto de tempo e de

espaço sendo um conjunto de atividades de intenções, motivações, e ações para executar atividades. Essas iniciativas, que visam apreender a prática, devem integrar as ações individuais com as atividades organizacionais de modo a possibilitar avanços de desempenho (Whittington, 2006).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa apresenta uma revisão da literatura sobre *entrepreneurship* e busca evidenciar as relações *entrepreneurship* existentes na literatura, objetivando a promoção de reflexões da abordagem para o estudo do empreendedorismo. O trabalho é concentrado em artigos publicados em periódicos internacionais de língua inglesa e francesa, selecionados na base de dados *Scopus e Web of Science*, o critério referente ao intervalo de tempo foi aberto, levando em consideração que se busca a totalidade das bases selecionadas. As revisões são úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada situação ou fenômeno, que pode apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência para auxiliar na orientação de investigações futuras (Akobeng, 2005).

Figura 1 - Fluxo de trabalho da pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Dessa maneira, criou-se o fluxo de trabalho em sete passos (Figura 1). Inicia-se com a elaboração da questão da pesquisa como passo inicial. No passo 2, elaboram-se as *strings* utilizadas na busca nas bases de dados (*entrepreneurship and practice*). Procedendo a busca, no passo 3 evidencia-se os resultados dessa busca e passa-se para o passo 4, sendo

selecionados 34 artigos que abordam *entrepreneurship* nas palavras-chave, resumo e título, destes foram analisados em sua totalidade. Realizado o passo 4, efetivamos o passo 5 foram analisados os artigos com a análise das informações abordadas pelos autores, no passo 6 passamos a analisar os resultados e a escrever as discussões, e por fim, no passo 7 apresenta-se as contribuições da pesquisa e as conclusões, bem como limitações e pesquisas futuras. Para desenvolver a classificação dos artigos utilizou-se o software *State of the Art through Systematic Review* (StArt).

Sobre os procedimentos, para a análise dos dados utilizou-se análise de conteúdo (Bardin, 2011), que possibilitou elencar algumas categorias *a posteriori* da leitura e análise dos artigos selecionados, desta forma com maior aprofundamento, destaca-se as categorias definidas para esse estudo como: (1) *Entrepreneurship* e seus desdobramentos (aborda trajetória do conceito, *Practice Turn* e apresenta construção da teoria) e esta, são divididos em seis subcategorias sendo elas: Promovem uma discussão sobre empreendedorismo com a perspectiva prática, Improvisação e Bricolagem, Compreensão do contexto por empreendedores, Redes de empreendedorismo, Empreendedorismo de gênero e Legitimação de risco.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Diversos campos de estudo e mesmo diversos conceitos (Reed, 2006; Raelin, 2009; Born, 2010; Reid, 2011; Stockhammer, 2012; Brown, 2012; Lodhia & Jacobs 2013; Kustermans, 2016) já demonstraram, por meio dos estudos publicados em seu *corpus*, estarem perante aquilo que se convencionou chamar de “virada da prática” (*practice turn*). Enquanto alguns autores argumentam – cada um sobre seu campo ou objeto – que a virada não está completa (Maciel & Augusto, 2013) outros buscam evidenciar que ela é necessária, promissora ou já ocorreu (Reed, 2006; Raelin, 2009; Born, 2010; Reid, 2011; Brown, 2012; Stockhammer, 2012; Lodhia & Jacobs, 2013; Kustermans, 2016). Além destes, há ainda aqueles que advogam que o campo ainda resiste a olhar o fenômeno com o olhar da prática (Raelin, 2009; Reid, 2011). Há por fim, quem diga que o fenômeno extrapolou a amplitude de uma prática e que, portanto, para compreendê-lo é preciso um olhar mais amplo ainda (Born, 2010; Felix; Oliveira, 2019).

O empreendedorismo, assim como a estratégia empresarial, por exemplo – para reorientar o debate para dentro dos estudos organizacionais – discute de modo consistente este olhar a partir do entendimento que proceder a virada da prática consiste em perceber sistematicamente a localização do social na substância das próprias práticas (Maciel & Augusto, 2013). Isto é possível a partir de um quadro analítico amplo, que considere campos de organizações, comunidades de praticantes e a observação da prática em si e análise de modo comparativo (Whittington, 2006).

Um último elemento essencial deste esforço de compreensão da realidade está ligado a compreender a agência dos indivíduos, especialmente no que tange à importância do caráter de fluxo contínuo de suas ações. Sob a égide da virada da prática e levando esta propriedade em consideração, alguns campos passaram a adotar a terminologia que no português equivale ao gerúndio com “ndo” (“ing” no inglês) ao final do termo que dá nome ao fenômeno para representar um campo ou conceito onde a virada está sendo ou foi processada, a exemplo de, na estratégia ter sido amplamente adotado o termo “*strategizing*” (Jarzabkowski, Balogun, & Seidl, 2007). Dessa forma, o termo *entrepreneurizing* representa que o campo do empreendedorismo avalia em que medida a virada da prática está consolidada em seu bojo e até que ponto o olhar que ela preconiza pode ser importante para a compreensão do fenômeno em questão, algo para o que a discussão e análise estruturadas aqui visa contribuir.

4.1 *Entrepreneurizing* e seus Desdobramentos

O empreendedorismo como prática ou *entrepreneurizing*, estes alicerçados no conceito de “*practice turn*”, a discussão do conceito mostra-se incipiente e contemporânea nas ciências sociais. A teoria chama a atenção no cenário contemporâneo como um meio válido para entender como as pessoas fazem as coisas em um nível individual, um nível coletivo e as ações que navegam entre os dois níveis. A “prática” é um tipo de desempenho humano rotinizado que consiste em vários elementos interconectados entre si (Whittington, 2006).

A prática possui algumas vertentes como, a teoria da prática social estuda a relação entre os indivíduos e seu ambiente. Enquanto as abordagens de práticas tradicionais focalizam os hábitos e o conhecimento tácito dos atores para entender a repetição nas estruturas de campo e na estruturação de campo dos atores (Giddens 1982; Bourdieu, 2010), pesquisas sociais mais recentes focam em como os atores realizam tarefas em cenários complexos (Orr,

1996). Em sua iteração contemporânea na pesquisa em organização, o instinto de prática estuda a inter-relação entre organizações, as práticas atuais de organização e os praticantes que as encenam (Whittington, 2006).

Em essência, a existência de uma prática depende necessariamente da existência e da interconectividade específica dos elementos que não podem ser reduzidos a elementos isolados (Bourdieu, 2010). Da mesma forma, uma prática representa um padrão que pode ser preenchido por uma multiplicidade de ações únicas e muitas vezes únicas (re) produzindo a prática. Ou seja, o único praticante individual, age então como o "portador" de uma prática e, de fato, de muitas práticas diferentes que não precisam ser coordenadas umas com as outras (Whittington, 2006; Ross & Shin, 2020).

No empreendedorismo como prática, um praticante de empreendedorismo carrega padrões de comportamento corporal, mas também de certas formas rotineiras de entender, saber e desejar, por e sobre empreendedorismo. Essas atividades de pensamento convencional, saber e desejar são elementos e qualidades necessárias de práticas empreendedoras nas quais o empreendedor único participa, e não necessariamente possui qualidades de empreendedor (Yearworth, Ormerod, & White, 2019). Desta forma, as práticas de empreendedorismo são formas rotineiras em que os profissionais de empreendedorismo movem corpos, manipulam objetos, tratam assuntos, descrevem coisas e compreendem o mundo. Schatzki, Knorr-Cetina, e Von Savigny (2001) resumem esses elementos no termo abrangente de "campo de práticas", compreendendo conhecimento, significado, atividade humana, ciência, poder, linguagem, instituições sociais e transformação histórica.

Diante do cenário de estudos do empreendedorismo pode-se destacar uma perspectiva prática. Práticas de empreendedorismo têm sido estudadas por meio de encenações de improvisação e bricolagem (Baker, Miner, & Eesley, 2003; Johannisson, 2011; Imas, Wilson, & West, 2012; Watson, 2013), legitimação de risco (De Clercq; Voronov, 2009), empreendedorismo de gênero (García; Welter, 2013; Wheadon & Duval-Couetil, 2017) redes de empreendedorismo (Anderson; Dodd; Jack, 2010; Johannisson, 2011; Mair, Battilana, & Cardenas, 2012; Keating, Geiger, & Mcloughlin, 2014), compreensão do contexto por empreendedores (Chalmers & Shaw, 2017; Dey & Mason, 2018) e que promovem uma discussão sobre empreendedorismo com a perspectiva prática (Rindova, Barry, & Ketchen, 2009; Al-Dajani, Carter, Shaw, & Marlow, 2015; Verduyn, 2015; Jones & Li, 2017). Para abordar

os fenômenos foi desenvolvido 6 tabelas com subcategorias e contribuições dos autores para cada subcategoria.

Para a subcategoria Improvisação e Bricolagem como práticas (Tabela 1), se dedicam a uma forma de rigor que dialoga com inúmeros modos de produção de sentido e de conhecimento, que tem origem em diversos locais sociais com ações e interações entre todas as faculdades humanas (Baker, Miner, & Eesley, 2003; Johannisson, 2011).

Tabela 1 - Subcategorias e contribuição da Improvisação e Bricolagem

Ano	Autor (es)	Subcategorias	Contribuição
2003	Baker, Miner & Eesley	Improvisação e Bricolagem	Cria valor econômico com recursos combinados geralmente percebidos como sendo sem valor (ou pior, um passivo) e os imbuem de novas oportunidades para entender a inovação e melhorar um processo.
2011	Johannisson	Improvisação e Bricolagem	Processo emergente que enfoca ações e interações entre todas as faculdades humanas, não apenas o cognitivo, mas também os emocionais como instrumento na promulgação de novos empreendimentos, seja no mercado ou em outros ambientes. Uma visão construcionista convida diferentes modos de lidar com um ambiente ambíguo, incluindo o uso de analogia e bricolagem ao promulgar empreender por meio de improvisação e networking pessoal.
2012	Imas, Wilson & West	Improvisação e Bricolagem	Gera consciência relacional para desenvolver mercados e apresenta uma extraordinária capacidade de crescimento e, portanto, criar novas oportunidades para as pequenas empresas terem sucesso e empoderarem-se.
2013	Watson	Improvisação e Bricolagem	A filosofia pragmatista nos encoraja a ver a atividade social humana como um processo pelo qual os seres humanos se esforçam criativamente para chegar a um acordo com as circunstâncias em que encontram si mesmos. Atividades empreendedoras podem prejudicar ou ajudar o bem público em geral, dependendo da circunstância em que ocorrem, desta forma, a ciência social pragmática tenta identificar a lógica subjacente a qualquer tipo de atividade ou instituição e procura conhecimento verdadeiro sobre "como as coisas funcionam" na vida social.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Partindo da Improvisação e Bricolagem (Tabela 1), encontra-se na prática dos processos o tempo de ação, habilidade e uma capacidade veloz e potente de produção para explorar e criar novos arranjos criando capacidades de crescimento e fortalecimento do empreendedor (Imas, Wilson, & West, 2012; Whatson, 2013). Já, na Legitimação de risco (Tabela 2) as capacidades de fortalecimento são evidenciadas como pontos fortes (De Clerq & Voronov, 2009).

Tabela 2 - Subcategorias e contribuição da Legitimação de risco

Ano	Autor (es)	Subcategorias	Contribuição
2009	De Clercq & Voronov	Legitimação de risco	A legitimidade como um potencial para o processo de fortalecimento do empreendedor e de suas expectativas para que os seus processos possam demonstrar funcionalidade eliminando riscos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

De acordo com De Clercq e Voronov (2009) para que a prática do empreendimento seja executada com eficácia (Tabela2) é necessária a legitimidade como um potencial para o processo de fortalecimento do empreendedor e de suas expectativas para que os seus processos possam demonstrar funcionalidade, adaptando-se as mudanças e posto em prática com conhecimento e experiência, o que faz com que riscos possam ser eliminados. Para práticas de empreendedorismo de gênero (Garcia & Welter, 2015; Wheadon & Duval-Couetil, 2017) ela permite uma construção da identidade de gênero na sociedade contemporânea (Tabela 3).

Tabela 3 - Subcategorias e contribuição do Empreendedorismo de gênero

Ano	Autor (es)	Subcategorias	Contribuição
2015	García & Welter	Empreendedorismo de gênero	Há formas específicas de construir a identidade de gênero que resultam em práticas de como as mulheres agem fazendo e refazendo permitindo que construam uma identidade do gênero no estabelecimento da posição de status da mulher em relação ao comportamento empreendedor.
2017	Wheadon, & Duval-Couetil	Empreendedorismo de gênero	A persistência sobre gênero no empreendedorismo seja sobre a perspectiva da linguagem, associações e estereótipos incorporados em contextos empreendedores, tornam-se barreiras culturais que sustentam a divisão tradicional do trabalho e criam um sistema de dois níveis. A contínua falta de atenção às práticas críticas e reflexivas na educação e pesquisa de empreendedorismo, no entanto, ameaça a cumplicidade disciplinar na opressiva "feminização (e racialização) da pobreza" que existe na sociedade contemporânea.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Esse processo (Tabela 3) pode proporcionar vantagens como uma maior liberdade, realização, autonomia e independência financeira, assim como efeitos positivos quanto à satisfação originada pela atividade empreendedora possibilitando um desenvolvimento diferenciado e inovador na sociedade contemporânea (Garcia & Welter, 2015; Wheadon & Duval-Couetil, 2017). A sociedade contemporânea possui a habilidade e capacidade empreendedora de operacionalizar acordos entre todas as partes interessadas (Tabela 4) e manter relações bem-sucedidas (Anderson, Dodd, & Jack, 2010; Mair, Battilana, & Cardenas, 2012) fortalecendo as redes para um crescimento empresarial.

Tabela 4 - Subcategorias e contribuição de Redes de Empreendedorismo

Ano	Autor (es)	Subcategorias	Contribuição
2010	Anderson, Dodd & Jack	Redes de empreendedorismo	As extensões específicas de práticas de rede que promulga o processo de crescimento empresarial possibilita o crescimento e interação social e promove oportunidades através das redes se tornando um modo de ser Empreendedor, um mundo da vida socialmente construída que não apenas espelha, mas (re) apresenta o ambiente e ajuda a criar crescimento através de cinco padrões de atividade que chamamos de intervalos de práticas: libertadoras; inspiradoras; visionárias; articuladoras e implementadoras dos processos.
2012	Mair, Battilana, & Cardenas	Redes de empreendedorismo	A análise baseia-se em quatro tipos de capital: político, humano, econômico e social. O recente impulso na pesquisa de empreendedorismo enfatiza as "formas de organização" e "desdobramento cotidiano" do empreendedorismo como o foco da análise empírica. O papel que a organização desempenha na promulgação da mudança social é amplamente inexplorado.
2014	Keating, Geiger & McLoughlin	Redes de empreendedorismo	A compreensão dos recursos do empreendedorismo como uma prática e de recursos sociais como algo que surge quando empreendedores se envolvem nessas práticas. Isso significa que o próprio ato de alcançar e engajar em recursos sociais muda essa malha na qual a atividade empreendedora é incorporada e que o empreendedor se adapte criativamente a uma rede de interconexões em constante evolução.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

As redes de empreendedorismo (Tabela 4) podem buscar a melhor combinação possível de diferentes recursos produtivos, situados dentro ou fora da empresa, criando uma unidade produtiva em melhores condições de negociar no mercado criando redes de interconexões (Keating, Geiger, & McLoughlin, 2014). A busca da compreensão do contexto por empreendedores (Tabela 5) permite criar e adotar práticas para construir uma organização (Chalmers & Shaw, 2017).

Tabela 5 - Subcategorias e contribuição da Compreensão do contexto por empreendedores

Ano	Autor (es)	Subcategorias	Contribuição
2017	Chalmers & Shaw	Compreensão do contexto por empreendedores	Os contextos empresariais são, em primeiro lugar, uma preocupação para os agentes empreendedores e com quem eles interagem, pois, os papéis e identidades que os indivíduos constroem através da interação cotidiana moldam e são moldada pelas restrições contextuais que emergem e se dissipam durante o curso de uma interação.
2018	Dey & Mason	Compreensão do contexto por empreendedores	A capacidade do empreendedor ativista de abrir a imaginação a realidades futuras alternativas pressupõe uma profunda consciência do imaginário social. Ainda, que o empreendedor ativista deve estar disposto e capaz de criticar imaginário social ortodoxo e de imaginar mundos possíveis. A segunda condição de fronteira lidava com a forma como os mundos possíveis se tornam conhecido.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A compreensão do contexto por empreendedores (Tabela 5) requer uma capacidade de imaginação daqueles que constroem os negócios, pois os contextos são preocupações dos agentes empreendedores e estes precisam de capacidades na prática para lidar com o desconhecido (Dey & Mason, 2018). A prática do empreendedorismo (Tabela 6) pode ser um ato de emancipação que pode levar a oportunidades de diálogo, negociação e aprendizagem (Rindova, Barry, & Ketchen, 2009; Verduyn, 2015).

Tabela 6 - Subcategorias e contribuição que promovem contribuição sobre empreendedorismo com a perspectiva prática

Ano	Autor (es)	Subcategorias	Contribuição
2009	Rindova, Barry & Ketchen	Promovem uma discussão sobre empreendedorismo com a perspectiva prática	A direção para a pesquisa de empreendedorismo é considerar que o empreendedorismo ocorre em contextos tradicionalmente não considerados no <i>mainstream</i> do empreendedorismo. É importante que a pesquisa sobre empreendedorismo reconheça que os empreendedores são muitas vezes um ato de emancipação e atrai a atenção para os desafios que os empreendedores enfrentam. Abordar essas oportunidades e desafios exigirá abordagens que cruzem níveis de análise e se estendam além das visões teóricas predominantes, integrando a teoria que permite investigar os aspectos micro e macro do empreendedorismo.
2015	Verduyn	Promovem uma discussão sobre empreendedorismo com a perspectiva prática	A perspectiva lefebvriana ressalta o empreendedorismo como um processo complexo, não-linear, um fenômeno inerentemente aberto. Esta perspectiva também está alinhada com as conceituações existentes de empreender como um conglomerado de práticas transindividuais propondo o rítmico como modo de exploração. Com uma perspectiva lefebvriana, conceitua-se o <i>entrepreneuring</i> como a inter-relação de vários ritmos, dobrando-se e desdobrando-se, como ondas, produzindo uma polirritmia híbrida, ocorrendo simultaneamente e propensa à diferença.
2015	Al-dajani, Carter, Shaw, & Marlow	Promovem uma discussão sobre empreendedorismo com a perspectiva prática	O gênero e desenvolvimento do empreendedorismo emancipatório e a eficácia das organizações atuam como uma plataforma para revelar e explorar o potencial de empreender como uma atividade emancipatória.
2017	Jones & Li	Promovem uma discussão sobre empreendedorismo com a perspectiva prática	Disposições, baseadas em hábitos, heurísticas e rotinas, importantes em qualquer contexto empresarial, são particularmente relevantes em <i>startups</i> familiares. Empresários eficazes sabem que devem fazer o melhor possível com informações ambíguas e recursos limitados. A conceituação da mudança organizacional para ilustrar como os processos de formação de sentido da encenação, seleção e retenção (ESR) formaram com base em suas rotinas organizacionais nascentes. Os processos associados ao ESR levaram a oportunidades de diálogo, negociação e aprendizagem.

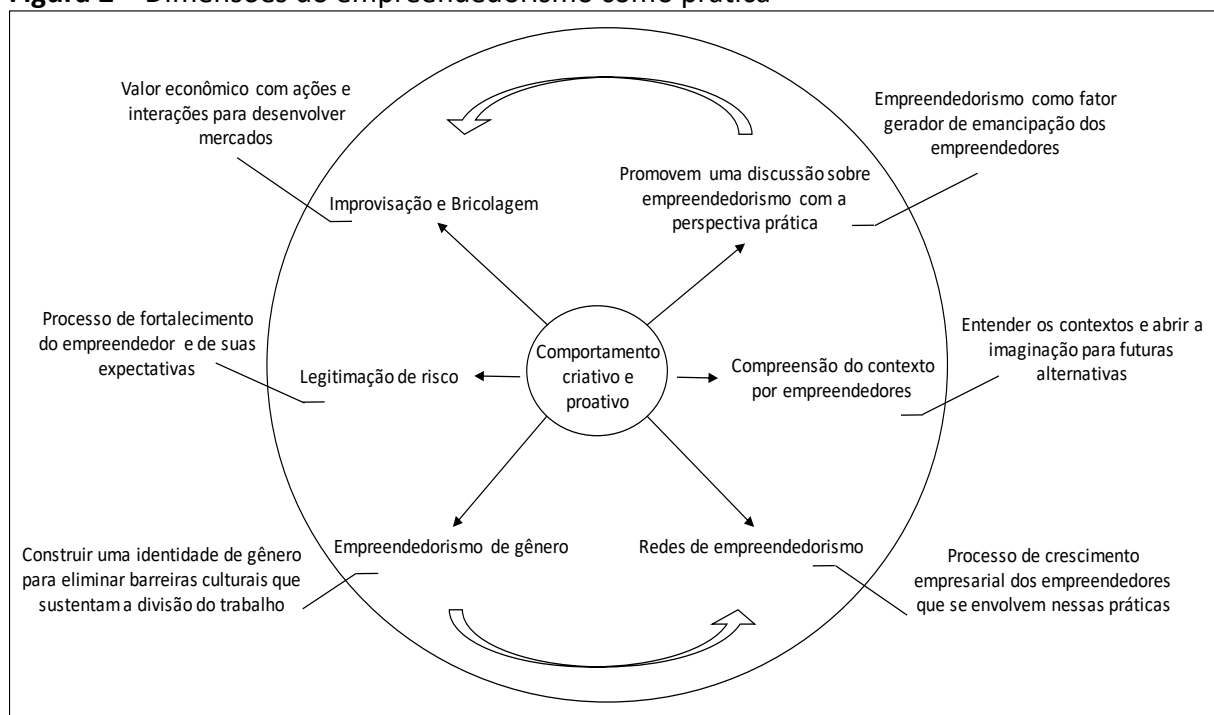
Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

O empreendedorismo como prática (Tabela 6) promove discussão para que os processos de formação de sentido da encenação, seleção e retenção (ESR) formem uma base

nas rotinas organizacionais. Os processos associados ao ESR levam a oportunidades de diálogo, negociação e aprendizagem colaborando para que os empresários possam emancipar-se (Al-dajani, Carter, Shaw, & Marlow, 2015; Jones & LI, 2017).

O empreendedorismo, como um comportamento criativo e proativo (Figura 2), se apresenta como um fenômeno em movimento, complexo, não-linear e inerentemente aberto, promovendo esforços para criar novos ambientes econômicos, sociais, institucionais e culturais por meio das ações de um indivíduo ou grupo de indivíduos. O empreendedorismo como prática, ou *entrepreneuring*, é um processo social criativo e situado organizacionalmente, que materializa uma nova organização ou novas práticas organizacionais, a partir de decisões e ações executadas por praticantes empreendedores que organizam pessoas e recursos, que criam, descobrem, identificam e exploram oportunidades com comportamentos criativos e proativos.

Figura 2 – Dimensões do empreendedorismo como prática



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

As subcategorias apresentam contribuições explicadas por autores ao longo do tempo (Figura 2). Ao abordarem o tema, constatou-se que os processos de transformação requerem dos indivíduos empreendedores um comportamento proativo e criativo, aptos a definir os parâmetros daquilo que se pretende realizar e quais os meios a serem utilizados. Desta forma, as práticas de empreendedorismo são formas rotineiras em que os profissionais de

empreendedorismo movem corpos, manipulam objetos, tratam assuntos, descrevem coisas e compreendem o mundo. O empreendedorismo como uma perspectiva prática, incorpora os meios disponíveis e é preciso assumir riscos e agir de forma criativa e proativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender a evolução das discussões sobre a abordagem *entrepreneurship* no campo de estudo do empreendedorismo e retratou subcategorias com as constituições. O estudo evidencia por meio de uma revisão da literatura sua evolução e seus reflexos no campo de estudo. Como procedimento metodológico utilizou-se uma revisão de literatura. Este trabalho contribui para a teoria com a reflexão sobre a abordagem *entrepreneurship* e suas contribuições para o campo de estudo do empreendedorismo. O *entrepreneurship*, assim, se apresenta como um fenômeno complexo, não-linear e inerentemente aberto, promovendo esforços para criar novos ambientes econômicos, sociais, institucionais e culturais por meio das ações de um indivíduo ou grupo de indivíduos.

A atuação do praticante, surge como a ação empreendedora na prática e envolvendo rotinas de compreender, conhecer, agir e fazer repercutindo nas atividades das organizações. A prática, pode contribuir de maneira efetiva para a pesquisa em empreendedorismo, e aborda-se como implicações a contribuição para a teoria e a prática do fenômeno e da importância do comportamento criativo e proativo, constituindo assim, alternativas interessantes de desenvolvimento do campo de pesquisas. Como fator limitante, aponta-se a escolha da *string* de busca que se combinada com outras bases, pode gerar novos resultados. Sugere-se que os resultados forneçam uma base para futuros estudos empíricos, como uma maneira de expandir o conhecimento das subcategorias e da forma como estão sendo praticadas nos contextos organizacionais.

REFERÊNCIAS

- Akobeng, A. K. (2005). Understanding systematic reviews and meta-analysis. *Archives of disease in childhood*, v. 90, n. 8, p. 845-848.
- Al-Dajani, H., Carter, S., Shaw, E., & Marlow, S. (2015). Entrepreneurship among the displaced and dispossessed: Exploring the limits of emancipatory entrepreneurship. *British Journal of Management*, 26(4), 713-730.

- Anderson, A. R., Dodd, S. D., & Jack, S. (2010). Network practices and entrepreneurial growth. *Scandinavian Journal of Management*, v. 26, n. 2, p. 121-133.
- Baker, T., Miner, A., & Eesley, D. T. (2003) Improvising firms: Bricolage, account giving and improvisational competencies in the founding process. *Research policy*, v. 32, n. 2, p. 255-276.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, v. 70.
- Baron, R., & Shane, A. (2007). *SA Empreendedorismo: uma visão do processo*. São Paulo: Thomson Learning.
- Born, G. (2010). For a relational musicology: music and interdisciplinarity, beyond the practice turn: the 2007 Dent Medal Address. *Journal of the Royal Musical Association*, v. 135, n. 2, p. 205-243.
- Bourdieu, P. (2010). 4. Principles of an Economic Anthropology. In *The handbook of economic sociology* (pp. 75-89). Princeton University Press.
- Brown, C. (2012). The 'practice turn', phronesis and classical realism: Towards a phronetic international political theory? *Millennium*, v. 40, n. 3, p. 439-456.
- Chalmers, D. M., & Shaw, E. (2017). The endogenous construction of entrepreneurial contexts: A practice-based perspective. *International Small Business Journal*, 35(1), 19-39.
- Davidsson, P. (2004). *Researching entrepreneurship*. New York: Springer, 2004.
- Davidsson, P. (2015). Entrepreneurial opportunities and the entrepreneurship nexus: A re-conceptualization. *Journal of business venturing*, 30(5), 674-695.
- De Clercq, D., & Voronov, M. (2009). Toward a practice perspective of entrepreneurship: Entrepreneurial legitimacy as habitus. *International Small Business Journal*, v. 27, n. 4, p. 395-419.
- Dey, P., & Mason, C. (2018). Overcoming constraints of collective imagination: An inquiry into activist entrepreneuring, disruptive truth-telling and the creation of 'possible worlds'. *Journal of business venturing*, v. 33, n. 1, p. 84-99.
- Drucker, P. F. (1985). The changed world economy. *Foreign Aff.* v. 64, p. 768, 1985.
- Engstrom, C. (2012). An autoethnographic account of prosaic entrepreneurship. *Tamara: Journal for Critical Organization Inquiry*, v. 10, n. 1-2.
- Farah, O. E., Cavalcanti, M., & Marcondes, L. P. (2010). *Empreendedorismo Estratégico: Criação e Gestão De Pequenas Empresas*. Cengage Learning Edições Ltda.
- Felix, F. V., Oliveira, S. A. (2019). Empreendedorismo como uma Prática Socialmente Imersa: Contribuições Institucionalistas. *Anais do XLIII Encontro da ANPAD - EnANPAD 2019*.
- García, M. C. D., & Welter, F. (2013). Gender identities and practices: Interpreting women entrepreneurs' narratives. *International Small Business Journal*, v. 31, n. 4, p. 384-404.
- Giddens, A. (1982). A reply to my critics. *Theory, Culture & Society*, v. 1, n. 2, p. 107-113.
- Gross, N., Carson, D. and Jones, R. (2014), "Beyond rhetoric: re-thinking entrepreneurial marketing from a practice perspective", *Journal of Research in Marketing and Entrepreneurship*, Vol. 16 No. 2, pp. 105-127.

- Hisrich, R. D., Peters, M. P., & Shepherd, D. A. (2014). *Empreendedorismo-9*. Amgh Editora.
- Hjorth, J., Sollerman, J., Møller, P., Fynbo, J. P., Woosley, S. E., Kouvelioutou, C. & Wijers, R. A. (2003). A very energetic supernova associated with the γ -ray burst of 29 March 2003. *Nature*, 423(6942), 847-850.
- Imas, J. M., Wilson, N., & Weston, A. (2012). Barefoot entrepreneurs. *Organization*, v. 19, n. 5, p. 563-585.
- Jarzabkowski, P., Balogun, J., & Seidl, D. (2007). Strategizing: The challenges of a practice perspective. *Human relations*, v. 60, n. 1, p. 5-27.
- Johannisson, B. (2011). Towards a practice theory of entrepreneuring. *Small Business Economics*, v. 36, n. 2, p. 135-150.
- Jones, O., & Li, H. (2017). Effectual entrepreneuring: sensemaking in a family-based start-up. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 29, n. 5-6, p. 467-499.
- Keating, A., Geiger, S., & Mcloughlin, D. (2014). Riding the practice waves: Social resourcing practices during new venture development. *Entrepreneurship Theory and Practice*, v. 38, n. 5, p. 1-29.
- Kustermans, J. (2016). Parsing the practice turn: Practice, practical knowledge, practices. *Millennium*, v. 44, n. 2, p. 175-196.
- Laine, M. (2013). The Practice Turn in Environmental Reporting: A Study into Current Practices in Two Australian Commonwealth Departments. *Social and Environmental Accountability Journal*, v. 33, n. 3, p. 178-179.
- Lodhia, S., & Jacobs, K. (2013). The practice turn in environmental reporting: A study into current practices in two Australian commonwealth departments. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*.
- Maciel, C. D. O., & Augusto, P. O. M. (2013). A practice turn e o movimento social da estratégia como prática: está completa essa virada?. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, 14, 155-178.
- McLoughlin, W. G. (2013). *New England Dissent, 1630–1833: The Baptists and the Separation of Church and State, Volume II*. Harvard University Press.
- Mair, J., Battilana, J., & Cardenas, J. (2012). Organizing for society: A typology of social entrepreneuring models. *Journal of business ethics*, 111(3), 353-373.
- Orr, J. (1996). *Talking About Machines: An Ethnography of a Modern Job*Cornell, 1996.
- Pinchot, G. (1985). Intrapreneuring: Why you don't have to leave the corporation to become an entrepreneur. *University of Illinois at Urbana-Champaign's Academy for Entrepreneurial Leadership Historical Research Reference in Entrepreneurship*.
- Raelin, J. A. (2009). The practice turn-away: Forty years of spoon-feeding in management education. *Management Learning*, v. 40, n. 4, p. 401-410.
- Reed, P. G. (2006). The practice turn in nursing epistemology. *Nursing Science Quarterly*, v. 19, n. 1, p. 36-38.
- Reid, J. A. (2011). A practice turn for teacher education? *Asia-Pacific Journal of Teacher Education*, v. 39, n. 4, p. 293-310.

- Rindova, V., Barry, D., & Ketchen, JR. D. J. (2009). Entrepreneurship as emancipation. *Academy of management review*, v. 34, n. 3, p. 477-491.
- Ross, D. G., & Shin, D. H. (2020). Gender and Entrepreneurship: A Meta-Analytic Synthesis and Extension. Available at SSRN 3259596.
- Schatzki, T. R., Knorr-Cetina, K., & Von Savigny, E. (Eds.). (2001). *The practice turn in contemporary theory* (Vol. 44). London: Routledge.
- Schumpeter, Joseph. (1982). *A teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural.
- Shane, S., & Venkataraman, S. (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of management review*, 25(1), 217-226.
- Shane, S. (2003). *A general theory of entrepreneurship: The individual-opportunity nexus*. Edward Elgar Publishing.
- Shane, S. (2012). The importance of angel investing in financing the growth of entrepreneurial ventures. *The Quarterly Journal of Finance*, 2(02), 1250009.
- Sorenson, O., Rivkin, J. W., & Fleming, L. (2006). Complexity, networks and knowledge flow. *Research policy*, v. 35, n. 7, p. 994-1017.
- Steyaert, C., & Katz, J. (2004). Reclaiming the space of entrepreneurship in society: geographical, discursive and social dimensions. *Entrepreneurship & regional development*, 16(3), 179-196.
- Steyaert, C. (2007). Entrepreneurship as a conceptual attractor? A review of process theories in 20 years of entrepreneurship studies. *Entrepreneurship and regional development*, v. 19, n. 6, p. 453-477.
- Stockhammer, P. W. (2012). Performing the practice turn in archaeology. *The Journal of Transcultural Studies*, v. 3, n. 1, p. 7-42.
- Verduyn, K. (2015). Entrepreneurship and process: A Lefebvrian perspective. *International Small Business Journal*, v. 33, n. 6, p. 638-648.
- Watson, T. J. (2013). Entrepreneurial action and the Euro-American social science tradition: pragmatism, realism and looking beyond 'the entrepreneur'. *Entrepreneurship & Regional Development*, v. 25, n. 1-2, p. 16-33.
- Wheadon, M., & Duval-Couetil, N. (2017). Entrepreneurship gender diversity in entrepreneurship through critical theory and reflexivity. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*.
- Whittington, R. (2006). Completing the practice turn in strategy research. *Organization studies*, v. 27, n. 5, p. 613-634.
- Wright, M., & Marlow, S. (2012). Entrepreneurial activity in the venture creation and development process. *International Small Business Journal*, 30(2), 107-114.
- Yearworth, M., Ormerod, R., & White, L. (2019). Problem structuring interventions in practice? *Systems Research and Behavioral Science*. Doi 10.1002/sres.2557
- York, J., & Venkataraman, S. (2010). The entrepreneur–environment nexus: Uncertainty, innovation, and allocation. *Journal of business Venturing*, v. 25, n. 5, p. 449-463.